

**CRENÇAS LINGUÍSTICAS DOS PIBIDIANOS DA ÁREA DE LÍNGUA PORTUGUESA DA
CIDADE DE UBERABA**

**LINGUISTIC BELIEFS OF THE PIBIDIANS OF THE PORTUGUESE LANGUAGE AREA
OF THE CITY OF UBERABA**

Paola Passos Alves¹
Juliana Bertucci Barbosa²

RESUMO

A busca inconstante de melhorar a qualidade da Educação, tem-se dado maior atenção nos últimos tempos para o aperfeiçoamento na formação de professores. Este trabalho visa, portanto, analisar dentro do âmbito acadêmico os envolvidos no Programa Institucional de Bolsas de iniciação à Docência (PIBID), criado pelo Ministério da Educação em 2009 e se há crenças linguísticas presentes dentro do programa com a finalidade de contribuir para a qualidade de ensino/aprendizagem dentro e fora da comunidade acadêmica. Será realizado um questionário destinado aos pibidianos em ação da área de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro-UFTM, da cidade de Uberaba- MG.

Palavras-chave: Educação; Formação de professores; Crenças linguísticas; PIBID

ABSTRACT

The constant search for improving the quality of education has given greater attention in recent times to the improvement of teacher training. This study aims to analyze within the academic scope those involved in the Institutional Program of Initiatives to Teaching (PIBID), created by the Ministry of Education in 2009 and if there are linguistic beliefs present within the program with the purpose of contributing to the quality of teaching / learning within and outside the academic community. A questionnaire will be conducted for the pibidians in action in the Portuguese Language area of the Federal University of Triângulo Mineiro - UFTM, in the city of Uberaba - MG.

Keywords: Education; Teacher training; Linguistic beliefs; PIBID

INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, com todos os problemas que circundam à área da Educação, crescem o número de estudos e pesquisam que querem contribuir para melhorar o ensino

¹ Licenciada em Letras Português/Espanhol.especialização em Educação e Sociedade.Mestre em Educação, pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro, l_o_l_a_purple@hotmail.com.

² Graduação em Letras/Bacharelado Licenciatura Português - Alemão. Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa.Bolsista CNPq - e doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista.Professora adjunto na UFTM, líder do grupo de pesquisa GEVAR (Grupo de estudos variacionistas), plataforma CNPq, reconhecido pela instituição, Atualmente atua e é coordenadora local do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), na UFTM, campus de Uberaba, coordenadora do PLI-Portugal/CAPES na UFTM e membro do GT de Sociolinguística da ANPOLL.; <https://orcid.org/0000-0002-1510-633X>; julianabertucci@gmail.com

nas escolas da rede pública. O país é reflexo da educação que tem. Desse modo, é imprescindível que essas pesquisas se direcionem para a formação de professores, que é o centro de onde deveria ter um ensino de qualidade para que a transmissão desse ensino também seja de qualidade. Porém, nessa mediação de ensino/aprendizagem surgem alguns ruídos que podem danificar a Educação. A presença de crenças dentro da formação dos professores pode ser algum desses ruídos.

A dicotomia entre teoria/prática e escola/universidade está ligada diretamente com a formação de qualidade. Diante dessa dualidade, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (doravante PIBID), financiado pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES, criada em 2009 pelo Ministério da Educação, tem como principal objetivo preparar o aluno de licenciatura para o magistério.

O artigo³ propõe uma pesquisa quali/quantitativa com a intenção de verificar as crenças linguísticas nos alunos pibidianos de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro- UFTM. Buscamos, por meio dos resultados, compreender da crença linguística desses futuros professores de Língua Portuguesa e sua relação e expectativas em relação ao PIBID/CAPES, subprojeto de Língua Portuguesa.

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)

O PIBID, desde 2009, quando foi criado pelo Ministério da Educação, traz como objetivo principal a qualidade do ensino na formação inicial, para isso, ele adianta a passagem do graduando em licenciatura nas escolas para já criar uma certa “familiaridade” com a sala de aula. Assim, o aluno graduando em licenciatura se capacita melhor para o futuro dentro da sala de aula. Hoje, o PIBID no Brasil é bastante conceituado. Em pesquisas feitas por várias universidades fica comprovado que o programa reflete e amplifica a visão do aluno graduando em licenciatura, já que é de conhecimento geral que a cerne da Educação geral do país está na formação de qualidade.

³ Este trabalho pertence a um projeto maior intitulado A PESQUISA NO PIBID COMO EIXO DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES, pesquisadora responsável Profa. Dra. Marinalva Vieira Barbosa, Universidade Federal do Triângulo Mineiro – MG. Tal projeto está registrado e aprovado na Plataforma Brasil, CAAE: 40588514.5.0000.5154.

Os professores de língua portuguesa, muitas vezes, deparam-se com problemáticas no âmbito escolar sobre ensino/aprendizagem do português. Discussões sobre se deve ou não ensinar gramática normativa, como ensinar, como será feita a motivação, etc. A língua portuguesa, geralmente, é vista pelos alunos de escolas básicas já como algo “chato” visando todas as regras que a gramática normativa traz, porém, para o professor em formação, essas questões já devem estar presentes para que as soluções se concretizem em sala de aula. O PIBID português aborda várias dessas questões com o intuito de aprimorar a formação docente inicial e levar o futuro professor a dialogar com a teoria, a não apenas transmitir conhecimentos, mas também a pesquisar e a promover a reflexão linguística junto a seus alunos da Educação Básica.

Destarte, este artigo tem por objetivo o questionamento das crenças linguísticas dentro do programa de iniciação à docência de língua portuguesa da UFTM, queremos saber qual é a crença que circunda o PIBID português da universidade e como podemos apontar uma melhoria diante dos resultados apresentados. Acreditamos que, entendendo esta crença, podemos pensar em outras atividades que contribuam para a formação de qualidade do aluno de Letras (pibidiano).

CRENÇAS LINGUÍSTICAS

É antiga a ideia de crença e os conceitos são inúmeros para cada área, mas a palavra “crença” ainda mantém o significado etimológico originário do latim e que significa: “aquilo ou aquele em que se crê.” e do dicionário: s.f. Ação de crer na verdade ou na possibilidade de uma coisa. Esses significados são entendidos que “crença refere-se a algo em que acreditamos como sendo uma verdade, mesmo que essa verdade não tenha valor empírico.” (POLERI, YIDA, AGUILERA, 2010). Uma definição clara é a distinção entre crença e conhecimento (MADEIRA, 2005). O conhecimento exige um estudo aprofundado e pesquisas científicas comprobatórias, ou seja, resultado de fatos empíricos, já as crenças não são resultados empíricos, as “certezas” não emergem para o patamar de pesquisas e permanecem no estágio de professores de Português sobre o papel da gramática no ensino de Língua Portuguesa, traz um conceito de Dewey (1933) em que o pesquisador conceitua a crença como aquilo que cobre as questões que não temos certeza, mas que absorvemos como verdade “(...)como o conhecimento, mas que mesmo assim podem vir a ser questionadas no futuro.” (MADEIRA, 2005, p.19).

O pesquisador em que primeiro se interessou+ pelo estudo das crenças foi o

canadense Wallace Lambert, em meados da década de 60. O estudo das crenças nasceu sobre pesquisas relacionadas ao meio social e Lambert, como psicólogo social, se dedicou a essa temática.

Um conceito mais recente foi proposto pela professora Ana Maria Ferreira Barcelos, que tem um vasto estudo sobre as crenças com ênfase no estudo de língua estrangeira da Universidade de Viçosa, em um artigo escrito por ela intitulado: *Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas*, a pesquisadora conceitua crença como:

[Crenças são] uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais (BARCELOS, 2006, p.18).

Nesse trecho percebemos a complexidade das crenças e a dinâmica em que ocorrem. É um ato cotidiano que está muito presente na educação e, levando em conta o conceito de crença sendo “aquilo que se crê”, é relevante trazer essa discussão para dentro do tema de ensino/aprendizagem, já que, como já foi dito, pesquisas sobre crenças nasceram da psicologia social, e, por isso, entender os estímulos psicológicos como consequência dessas crenças que os pibidianos visam e levam para dentro da sala de aula.

Sendo assim, visando a importância e, principalmente, a qualidade da formação de professores, esse projeto é pautado no estudo da crença dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) que tem atuação nas universidades em âmbito nacional, em relação à Língua Portuguesa. Para tanto, foram aplicados um teste de crenças para 20 pibidianos de ambos os sexos para verificar qual a crença linguística desses futuros professores e o que acreditam que o PIBID pode contribuir para as suas práticas como futuros profissionais docentes.

CRENÇAS E ENSINO DE LÍNGUA

Ao pensarmos a temática das crenças associada ao ensino de Língua Portuguesa, observamos que as atividades escolares precisam ser pensadas partindo do pressuposto que não é somente nas escolas que se concentra o saber, ou seja, a escola não detém o

“monopólio do saber”. O conhecimento está também no seio familiar, na convivência social, no trabalho, etc.

Em um texto de José Carlos Libâneo, intitulado: *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*, é discutido como é importante a presença do professor dentro da sala de aula e como deveria haver uma adaptação para os moldes dessa nova “escola tecnológica”. Libâneo propõe um novo papel para a escola dentro da realidade atual:

A escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção da informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significado à informação (LIBÂNEO, 1998, p.2).

O interesse excessivo que a escola tem em dar ênfase ao estudo da norma culta pode levar a uma queda entre a interação professor/aluno e ensino/aprendizagem da língua materna. Assim, comprovam-se alguns aspectos reais das crenças, em que Emmanoel dos Santos em: *Certo ou errado? Atitudes e Crenças no ensino de Língua Portuguesa*, discute e analisa as manifestações das crenças no ensino da língua materna e como isso acarreta no resultado final do ensino/aprendizagem: “estudo da língua surge a fim de conservar-se inalterada a linguagem correta das classes superiores em seu contato com os outros modos de falar dentro dessa sociedade.” (SANTOS, 1996, pg. 18)

Para tanto, pesquisadores (BARCELOS, 2012; MADEIRA, 2015) já mencionaram em suas análises que as crenças se fazem no indivíduo de forma enraizada, ao passo que, para o professor já atuante, a proliferação de crenças equivocadas que já fazem parte de sua prática docente, se torna mais difícil a adaptação e a mudança desses saberes. É imprescindível para essa discussão que pautamos como a crença é enraizada no indivíduo, nesse caso, no professor. Por exemplo, se tratando de variações da língua portuguesa, o professor ao acreditar que existe determinada região que pode ter a fala mais “bonito” que outra região e levar esses dizeres para dentro da sala de aula, com toda influência e responsabilidade que existe no papel do professor, os alunos levarão isso para a vida como sendo uma verdade.

Por questões desse nível que este artigo analisa as crenças ainda no período de formação, mas não somente, com os pibidianos que, pela proposta do programa, antecipam sua participação ao encontro com a realidade da sala de aula. E é a análise desse tipo de situação que aqui nos interessa. Para modificar essas crenças enraizadas,

precisamos identifica-las desde cedo, no período de graduação em que os alunos de licenciatura estão abertos ao aprendizado.

A crença enraizada já no professor atuante, dentro da sala de aula é mais difícil de ser rompida para que não haja certos equívocos em relação ao aprendizado de Língua Portuguesa. Por esse ponto, que esse artigo tem por objetivo focar nos estudantes de graduação que fazem parte do PIBID. Esse estudante, estando dentro da Universidade e em formação, está aberto para mudanças e novas perspectivas. Ao terem contato com os saberes sobre as variações linguísticas, continuando o exemplo acima, e também ao ingressar mais antecipadamente dentro da sala de aula por meio do programa, esse pibidiano tem a chance de transformar as crenças equivocadas e, posteriormente, não as cometer em âmbito escolar.

E como seria o ensino dessa variedade dentro da sala de aula? Sírio Possenti, já na década de noventa, em seu **Por que (não) Ensinar Gramática na Escola** (1996), trazia alguns apontamentos pertinentes no que se refere ao ensino de gramática nas escolas. Segundo o linguista, deve-se apresentar os diferentes conceitos de gramática: normativa, descritiva e internalizada e explicar para o aluno que existem diferentes contextos para cada situação e como usá-las:

O papel da escola não é o de ensinar uma variedade no lugar da outra, mas de criar condições para que os alunos aprendam também as variedades que não conhecem, ou com as quais não têm familiaridade (POSSENTI, 1996, p.83).

Portanto, em relação a questões que implicam o ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa, podemos destacar que as escolas atuais, ainda estão presas aos moldes antigos, a valorização e ao interesse em manter a norma culta padrão, ou seja, há uma hierarquização desta sobre os outros conceitos. A escola poderia repensar sobre esses moldes em que se encontra para melhorar os resultados na Educação. Muitos pesquisadores acreditam que a melhor forma seria mostrar ao aluno determinadas situações em diferentes contextos para utilizarem a melhor adequação da fala e da escrita.

O ramo da Sociolinguística que estuda a relação entre a linguística e a sociedade enfatizando a institucionalização da língua, distingue-se a noção de “erro” que a sociedade tem inerte, para os sociolinguístas, o que a sociedade taxa sendo “erro”, para

eles é tido como uma “inadequação”, ou seja, dependendo do contexto da fala e da escrita, certas expressões podem ser aceitas e não taxadas como errôneas. Poreli, Yida e Aguilera (2010), que também pesquisaram as crenças linguísticas, trazem algumas considerações em sua pesquisa sobre a perspectiva do aluno no ensino de Língua Portuguesa, e traçam a distinção das noções de erro:

A Sociolinguística, desta forma, troca a antiga noção de erro pela noção das diferenças entre variedades e estilos. O contexto de fala inadequado configura erro, como fato social (percebido pela sociedade). Esta noção deve inserir-se no ensino de modo a motivar o aluno na percepção dos diversos estilos de fala (PORELI, YIDA, AGUILERA, 2010, p. 128.).

Portanto, percebemos que o professor que passou por uma “má formação” ou ainda tem “enraizada” algumas crenças equivocadas sobre a língua, tendem a cometer equívocos e repassar (ou fortalecer) a seus alunos, em sala de aula, mitos sobre a língua. Tais crenças afetam não só os alunos, como também a sociedade em geral. Essas consequências acarretam inclusive a própria desmotivação do professor, a evasão dos alunos na escola, o descumprimento da escola no seu papel em formar cidadãos com criticidade e autonomia reflexiva.

CRENÇAS LINGUÍSTICAS NOS PCNS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) é um dispositivo a fim de orientar e facilitar a vida dos profissionais da educação e da escola na organização dos currículos escolares. O PCN de Língua Portuguesa tem por objetivo principal apresentar propostas que a valorização crítica do aluno diante da língua, ou seja, apontam caminhos para que o professor, como mediador do conhecimento, possa aguçar o senso crítico do aluno, tornando-o um indivíduo reflexivo e cidadão para exercer seus direitos sobre o uso da língua. Apontam a importância em levar as questões de variação linguística e pluralidade dentro da sala de aula, o que vai de encontro com a proposta desse artigo. Segundo o PCN de Língua Portuguesa e o conceito de linguagem:

A linguagem é uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história. Dessa forma, se produz linguagem

tanto numa conversa de bar, entre amigos, quanto ao escrever uma lista de compras, ou ao redigir uma carta — diferentes práticas sociais das quais se pode participar. Por outro lado, a conversa de bar na época atual diferencia-se da que ocorria há um século, por exemplo, tanto em relação ao assunto quanto à forma de dizer, propriamente — características específicas do momento histórico. Além disso, uma conversa de bar entre economistas pode diferenciar-se daquela que ocorre entre professores ou operários de uma construção, tanto em função do registro e do conhecimento lingüístico quanto em relação ao assunto em pauta (BRASIL, 1997, p. 22).

Portanto, o PCN de Língua Portuguesa incentiva e propõe algumas orientações para que o professor leve para dentro da sala de aula discussões a respeito da pluralidade da língua, porém, mesmo havendo esse tipo de orientação, ainda há a presença de crenças em que o professor se equivoca a respeito do olhar que se deva ter sobre essa língua.

Em relação ao ensino de Língua Portuguesa, o PCN propõe ênfase da pluralidade da língua, seja escrita ou oral, literária ou não, pois, acredita que assim o aluno terá melhor visibilidade em perceber a estrutura da língua. Assim, segundo os Parâmetros, o aluno deve ser capaz de:

I) expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em instâncias públicas, sabendo assumir a palavra e produzir textos — tanto orais como escritos — coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados; II) utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade lingüística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam; III) conhecer e respeitar as diferentes variedades lingüísticas do português falado; IV) compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz; V) valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos; VI) utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem, sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos: identificar aspectos relevantes; organizar notas; elaborar roteiros; compor textos coerentes a partir de trechos oriundos de diferentes fontes; fazer resumos, índices, esquemas, etc.; VII) valer-se da linguagem para melhorar a qualidade de suas relações pessoais, sendo capazes de expressar seus sentimentos, experiências, idéias e opiniões, bem como de acolher, interpretar e considerar os dos outros, contrapondo-os quando necessário; VIII) usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de reflexão sobre a língua para expandirem as possibilidades de uso da linguagem e a capacidade de análise crítica; IX) conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de

classe, credo, gênero ou etnia (BRASIL, 1997, p.33).

Iremos perceber adiante na análise crítica deste artigo que há a preocupação entre os graduandos de licenciatura em trabalhar para que os alunos sejam capazes de cumprir essas metas estabelecidas pelos PCN, e, além disso, sabem da importância em levar essas questões para o ambiente escolar, porém, iremos perceber que há a presença de crença mesmo havendo essa preocupação e essa conscientização da importância, pois a crença pode ser mantida de inconsciente, é por isso que se torna tão imprescindível falar sobre crenças da formação do professor e se fazer pensar sobre elas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No primeiro momento, realizamos uma revisão bibliográfica sobre as crenças e seus conceitos, sobre a formação de qualidade dos professores e sobre o PIBID em âmbito nacional. Em seguida elaboramos, com base no teste de Barbosa e Cuba (2015), um questionário para testar as crenças dos pibidianos (Anexo I) de língua portuguesa da UFTM⁴.

Foram distribuídos trinta questionários via e-mail e também entregues pessoalmente na UFTM juntamente com o termo de consentimento. Desses trinta questionários e termos entregues, vinte foram respondidos e assinados. Portanto, a totalidade de dados correspondentes a 100% dessa pesquisa correspondem a resposta de vinte questionários.

O passo do material (teste de crenças respondidos), realizamos a análise quantitativa das perguntas objetivas e qualitativa (análise de conteúdo) das questões abertas, visando entender como se dá as crenças dos pibidianos de Língua Portuguesa da UFTM em relação a língua, ao ensino e ao programa institucional.

Para melhor compreensão e visualização da análise, optamos por trabalhar com gráficos estatísticos nas questões que foram analisadas do teste de crenças.

ANÁLISE DOS DADOS

A seguir iremos apresentar as relevâncias nos resultados do teste de crença aplicado aos pibidianos. O teste é composto por 24 (vinte e quatro) questões objetivas

⁴ Projeto aprovado no CEP/UFTM, cadastrado na Plataforma Brasil.

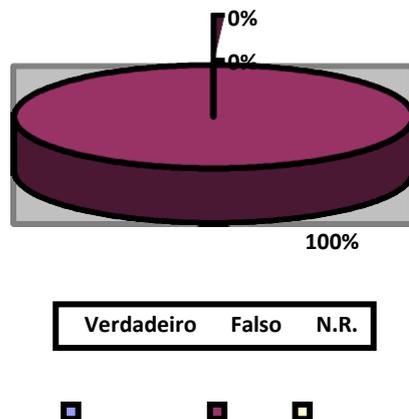
(verdadeiro ou falso) e duas subjetivas em relação ao programa institucional, por isso, dividiremos essa sessão em duas partes: a análise das questões objetivas e a análise das questões subjetivas.

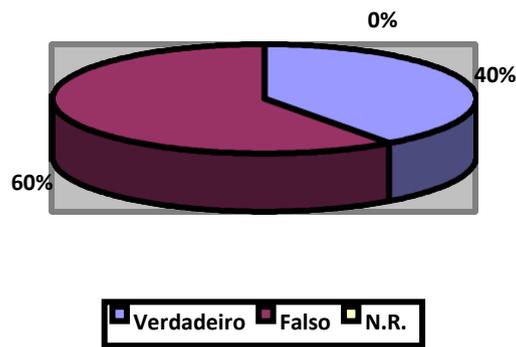
ANÁLISE DOS DADOS OBJETIVOS

O teste de crença composto por 24 questões de verdadeiro ou falso, foram distribuídos para 30 alunos pibidianos de Língua Portuguesa da UFTM, sendo que 20 foram respondidos. A questão 24 foi eliminada do teste, pois nenhum dos participantes responderam. Apresentaremos aqui os resultados mais expressivos.

Análise I

A primeira análise refere-se a duas questões do questionário a: “1) A língua ESCRITA é mais correta do que a FALADA. ” e a número: “17) A língua ESCRITA é mais complicada que a língua FALADA.” Essas duas questões são correspondentes, porém, vejamos o resultado no gráfico:





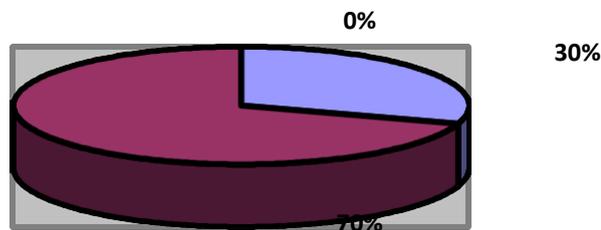
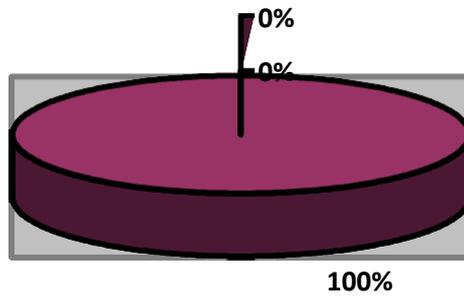
Gráficos 1 e 2: resultados das questões (1) e (17)

O primeiro Gráfico 1 aponta o resultado da questão (1) e o Gráfico 2 aponta o resultado da questão (17). Percebemos que sobre a questão (1), sobre o mito da escrita ser mais correta que a fala, por unanimidade os pibidianos responderam que essa afirmativa é falsa, em contradição.

Por outro lado, ao analisarmos a questão (17), que afirmava se a escrita é mais complicada que a língua falada, houve um equilíbrio entre as respostas: 40% responderam que essa afirmativa é verdadeira e 60% responderam que ela é falsa. Assim, verificamos que a crença em estabelecer um certo grau de dificuldade entre a língua falada e a língua escrita ainda está presente nos pibidianos. Porém, essa crença parece ser “inconsciente”, pois, ao colocarem “falso” na primeira questão, significa que acreditam que não há uma forma mais correta que a outra (apesar de 40% deles ainda estabelecem um grau de dificuldade maior a escrita).

Análise II

Nesta segunda análise, iremos apresentar outra contradição presente nas crenças dos pibidianos de Língua Portuguesa. O gráfico 3 refere-se à questão: “8) O bom professor de Português FALA sempre de acordo com as regras de gramática. ” O gráfico 3 à questão de número: “13) Para ESCREVER direito deve-se aprender gramática. ”



Gráficos 3 e 4 : resultados das questões (8) e (13):

Percebemos que, por unanimidade, os alunos responderam ser falsa a afirmativa que o professor de português fala sempre de acordo com as regras gramaticais, que, de fato, significa que têm a consciência sobre a pluralidade na fala e na escrita e que o professor não deve falar preso às regras da Gramática Tradicional. Já na questão (13), no gráfico 4, percebemos que ainda 30% dos estudantes afirmaram que para escrever corretamente é necessário aprender gramática normativa, devemos enfatizar que aqui entra a discussão sobre o contexto, ou seja, existem contextos até pode ser cobrado conhecimentos gramaticais da GT, porém há contextos em que não é necessário apresentar domínio da gramática e conseguimos, mesmo assim, nos expressar com perfeição, produzir um bom texto. Possenti (1996) esclarece sobre a distinção em conhecer a língua e conhecer a gramática dessa língua:

ficar claro que conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática

outra. Que saber uma língua é uma coisa e saber analisá-la é outra. Que saber usar suas regras é uma coisa e saber explicitamente quais são as regras é outra. Que se pode falar e escrever numa língua sem saber nada "sobre" ela, por um lado, e que, por outro lado, é perfeitamente possível saber muito "sobre" uma língua sem saber dizer uma frase nessa língua em situações reais (POSSENTI, 1996, p. 54).

Essa discussão sobre língua e gramática ocasiona para falarmos sobre a pluralidade da língua prevista pelo PCN. Vamos perceber na análise a seguir como os pibidianos compreendem essa questão.

Análise III

Essa análise corresponde à afirmação de número: “19) Em qualquer situação da vida, você pode FALAR do mesmo jeito. ”

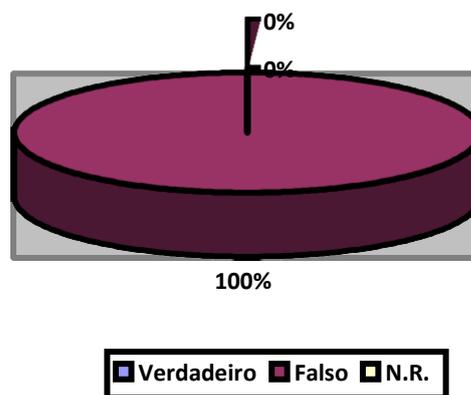


Gráfico 5: análise da questão (19):

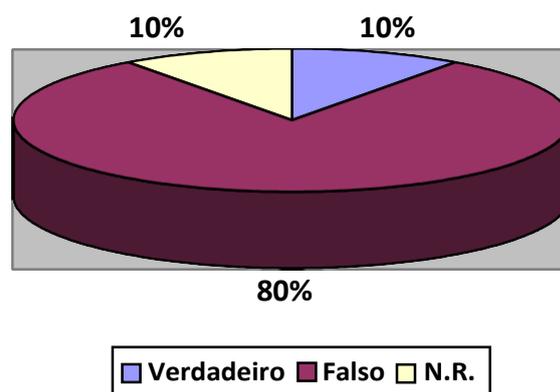
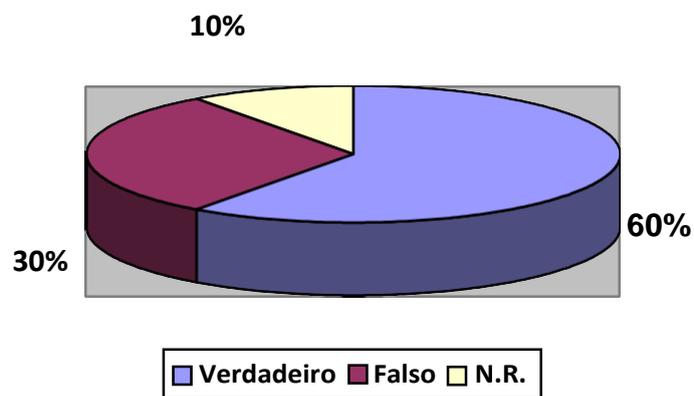
É relevante para esse artigo também apresentar quando não há presença equivocada das crenças, como está representado no gráfico acima da questão (19). A afirmativa em que se pode falar do mesmo modo em qualquer circunstância da vida, todos os participantes responderam ser falsa. Significa, nesse caso, a consciência sobre as variedades da língua falada. Discutimos no terceiro tópico deste trabalho “Crenças linguísticas nos PCN”, que, segundo os Parâmetros, é imprescindível que o professor aborde a questão da pluralidade da língua. Está nas metas prescritas pelo PCN que o aluno deva:

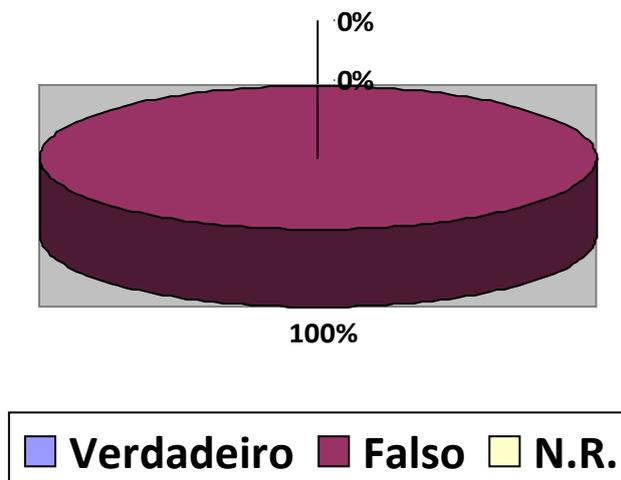
- utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade lingüística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam;
- conhecer e respeitar as diferentes variedades lingüísticas do

Análise IV

Continuando na mesma linha sobre as variações linguísticas, analisaremos agora três afirmações do teste que abordam esse tema. A questão “21) O jeito de FALAR em Minas Gerais é bonito” (Gráfico 6), “22) Há outras FALAS mais bonitas que a de Minas Gerais, exemplo, a de ____”

(Gráfico 7) e “23) Há outras FALAS mais bonitas que a da região onde você mora em Uberaba.” (Gráfico 8). Os gráficos representando os resultados são respectivamente:





Gráficos 6, 7 e 8: resultados das questões (21), (22) e (23):

Percebemos certa oscilação entre as respostas nessas três afirmativas referentes às falas regionais, se há uma mais bonita que a outra. Entraremos, portanto, na discussão das variações linguísticas regionais. Há regiões com o dialeto linguístico de mais prestígio que outra, e, conseqüentemente, isso gera o preconceito linguístico. Segundo linguistas, como Cyranka, não existe um jeito mais bonito ou mais correto em falar, existem variações na forma em falar. Os PCN reconhecem que o preconceito linguístico é muito presente, por isso verificamos que esse embate é muito presente nas orientações:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas (BRASIL, 1997, p. 26).

Essa oscilação presente no teste, verifica que os graduandos têm a consciência sobre o que são as variações linguísticas, mas há crenças ainda enraizadas nesses futuros professores e é nesse ponto que devemos nos atentar.

ANÁLISE DOS DADOS SUBJETIVOS

O teste consistiu em duas perguntas de cunho subjetivo (ou questões abertas/dissertativas), em que o pibidiano deveria discorrer sobre sua formação como pibidiano.

As perguntas foram: "I- Como o pibid contribui para sua formação como professor de língua portuguesa? Por quê? / II- Você acha que o pibid mudou o que você acredita sobre o ensino de língua? Por quê? ". Essas duas indagações propunham que os graduandos dissertassem sobre as experiências enquanto pibidianos, qual a importância desse Programa na formação como futuros professores.

As respostas em geral foram positivas se tratando do programa, todos os envolvidos disseram que o PIBID contribui para a formação, de forma a acrescentar na prática para a futura profissão. Sobre a primeira questão em que perguntava sobre a contribuição que o pibid traz enquanto futuro professor, iremos transcrever algumas respostas:

Informante A:

Acredito que o contato com a realidade escolar contribui para a formação do professor porque possibilita a vivência prática da profissão.

Informante D:

O Pibid contribui de várias formas pois conhecemos a realidade da escola antes de formar. O importante que somos um time para nos auxiliar temos nossos coordenados de área, os professores supervisores e os nossos amigos de curso que juntos, elaboramos as atividades para aplicar nas escolas, esperamos que ajude no crescimento dos alunos.

Informante M:

O PIBID contribui muito p/ a formação dos professores de língua portuguesa pois adianta o contato dos alunos de graduação com a escola Assim, a teoria e a prática são antecipadamente colocadas frente ao graduando, fazendo-o refletir por mais tempo sobre sua prática que um graduando que apenas cumpre seu estágio.

As respostas foram conduzidas para o mesmo caminho, que os pibidianos se sentem privilegiados e até mesmo como estando um passo à frente em relação aos outros graduandos, pois já têm a vivência mais intensa com a realidade escolar, isso possibilita a maior criticidade no processo de ensino/aprendizagem.

Na segunda pergunta em que se indaga se o Pibid mudou o que os pibidianos acreditavam em relação ao ensino de língua portuguesa, todos os informantes responderam que sim, que houve essa mudança de antes e depois do PIBID. O que a maioria citou como mudança foi a discussão muito pautada nesse artigo sobre a variação linguística. Muitos disseram que não haviam pensado na língua dessa forma e que a crença de haver um jeito "correto" da língua ou "mais bonito" foi rompido enquanto

pibidianos e convivendo no ambiente escolar.

Informante B

Mudou no sentido de entender a língua como um processo em constante formação, devido ao uso. Além disso, foi possível perceber e reconhecer as diversas variações que a língua portuguesa tem.

Informante C

Sim, principalmente quando começamos o trabalho da variação linguística com os alunos. Pois, começamos a aprender mais com a crença deles e saber trabalhar o preconceito linguístico dentro da sala de aula.

Informante F

Mudou muito minha visão sobre o ensino da língua, pois até ingressar no Projeto, minha visão era as de meus antigos professores de escola, via a gramática como sendo a que ditava regras que deveriam ser “decoradas” se o fizesse estaria certo, se não estaria errado. Hoje não vejo mais a língua como o ditador de certo ou errado.

Informante I

Sim. Porque inicialmente eu assim como muitas pessoas acreditava que o ensino da língua era focado na gramática, no ensino da gramática normativa, que isto era a forma “correta” de falar e escrever. Mas com o PIBID eu vi que não há forma correta, todos os modos de falar são corretos desde que eles sejam capazes de estabelecer comunicação com outra pessoa e que o importante é você saber adequar seu modo de falar de acordo com a circunstância, de acordo com quem você está realizando a conversa. E é isso que deve ser levado em conta no ensino de língua, pois a linguagem para comunicação os alunos já possuem domínio, precisam apenas saber qual é a linguagem formal, como ela é e, onde e quando deve ser usada.

Fica claro, portanto, que os graduandos que participam do programa têm plena consciência da importância em abordar sobre a pluralidade da língua em sala de aula. Relataram a presença que há do preconceito linguístico entre os alunos da escola básica e, se não estivessem preparados, seria um preconceito irrelevante e que não iria ser trabalhado. Porém, a crença também se dá de forma inconsciente, já que a crença também é pesquisada no ramo psíquico entre Psicólogos, porém, não iremos adentrar nessa área, o que importa é que fique esclarecido, como percebemos ao analisar as questões objetivas, a presença das crenças em forma de contradição. Essas crenças enraizadas precisam ser trabalhadas, como estão sendo feitas nesse caso, na formação, e assim, se tornarem professores conscientes e aguçar a criticidade do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui desenvolvida nos permitiu gerar algumas conclusões acerca de como a crença se faz presente nos pibidianos de língua portuguesa, tais como:

(I) os pibidianos apresentam uma consciência diante dos mitos da língua;

(II) os pibidianos ainda possuem, apesar das discussões na graduação e o subprojeto de Língua Portuguesa, algumas crenças equivocadas (como a de que para escrever um texto tem que saber gramática normativa), que são as que estão enraizadas no graduando;

(III) a desconstrução de alguns mitos sobre a língua, ainda comuns no ambiente escolar, se deram pela importância do Programa Educacional em suas formações.

Percebemos, que, nos dados relatados pelos informantes, todos confirmaram positivamente a importância do PIBID na formação acadêmica como mecanismo preparatório para profissão futuramente, e, além disso, ao serem questionados sobre a mudança da visão antes e depois do programa, muitos mencionaram a reflexão acerca das variações da língua, porém, vimos que nos dados da análise objetiva, há uma oscilação perante esse tema. Muitos ainda acreditam que existe um falar mais “bonito” que o outro (Análise IV) ou que existem graus de dificuldade entre linguagem falada e escrita (Análise I). Isso comprova que as crenças se dão de forma enraizadas e, muitas vezes, inconscientes no indivíduo.

Em virtude dos dados mencionados, o estudo das crenças oferece aos professores, pesquisadores e graduandos elementos informativos para que o período de formação profissional seja abordado esse tema, rompendo, portanto, aquelas crenças enraizadas nos indivíduos, para que não sejam cometidos em ambiente escolar e multiplicadas informações equivocadas. A luta sobre uma Educação de qualidade é extensa, por isso devemos começar a trabalhar onde já foi mencionado certas falhas. É de forma gradativa que as transformações vão acontecendo e o aluno vai se posicionando para o centro e ganhando destaque, se tornando um sujeito crítico e reflexivo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. B.; CUBA, D. L. *Crenças e atitudes linguísticas de alunos do ensino médio em escolas públicas de Uberaba (Beliefs and language attitudes of high school students in public schools of Uberaba)*. In: **Todas as Letras**. v. 17, n. 1, 2015. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/7710/5299>>. Acesso em 10 jul. 2015.

BARCELOS, ANA Maria Ferreira; ABRAHÃO, Maria Helena Vieira. *Crenças e ensino de língua: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas: Pontes, 2006.

_____. *Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas*. In: _____; ABRAHÃO, M. H. V. (Org.). *Crenças e ensino de língua: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas: Pontes, 2006b. p. 15-42.

BORTONI-RICARDO, S. *Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais- Língua Portuguesa*. Brasília: SEF/MEC, 1997. Disponível em: <<http://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-02-lingua-portuguesa.pdf>>. Acesso em 14 de set. 2015.

CYRANKA, L. F. M. *Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora-MG*. Niterói, 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora.

FRANCO, BORDIGNON, NEZ, Marta Estela Dal Pai, Luciane Spanhol, Egislaíne de. *Qualidade na Formação de Professores: Bolsa de iniciação à docência (PIBID) como estratégia institucional*. Rio Grande do Sul, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora? :Novas exigências educacionais e profissão docente*. 2 ed. Cortez. São Paulo, 1998.

MADEIRA, Fábio. *Linguagem e Ensino: Crenças de professores de Português sobre o papel da gramática no ensino de Língua Portuguesa*. Campinas, 2005. (pg 17-38)

RONCARATI, Cláudia. et al. Usos lingüísticos e usuários da língua: face e verso da educação lingüística. Síntese de monografias do Curso de Especialização Lato Sensu, na disciplina Português do Brasil, UFF, 1993. Mimeografado. Disponível em: <<http://facelinguistica.blogspot.com.br>>. Acesso em 12 mar. 2015.

POSSENTI, S. *Por que (não) Ensinar Gramática na Escola*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

SANTOS, Emmanuel dos Santos. Certo ou errado? Atitudes e Crenças no ensino de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

ANEXO I – TESTE DE CRENÇAS

TESTE DE CRENÇAS

Informante (código): _____ (preenchimento do pesquisador)

DADOS PESSOAIS		
Sexo: Masculino <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Idade _____ anos Período:		
Você encontra, abaixo, algumas afirmações sobre a língua portuguesa. Diga se cada uma delas é verdadeira (V) ou falsa (F)		
	V	F
1. A língua ESCRITA é mais correta do que a FALADA.		
2. Você FALA bem a Língua Portuguesa.		
3. Você ESCREVE bem.		
4. Para saber ESCREVER bem, basta conhecer as regras de ortografia.		
5. Os adultos FALAM melhor que os jovens.		
6. Para ESCREVER bem é preciso ler muito		
7. Para ESCREVER direito, deve-se melhorar o jeito de FALAR.		
8. O bom professor de Português FALA sempre de acordo com as regras de gramática.		
9. A linguagem dos livros é sempre melhor e mais bonita do que o seu modo de FALAR.		
10. Para aprender a ESCREVER, o aluno deve aprender a FALAR como seu professor de Português.		
11. A escola deve corrigir a FALA dos alunos.		
12. As pessoas analfabetas FALAM errado.		
13. Para ESCREVER direito deve-se aprender gramática normativa.		

14. A língua ESCRITA é mais importante do que a FALADA.		
15. Saber FALAR bem é tão importante quanto saber ESCREVER bem.		
16. O seu jeito de falar é igual ao das pessoas com quem você convive no lugar onde mora, por isso você tem orgulho do seu jeito de FALAR.		
17. A língua ESCRITA é mais complicada que a língua FALADA.		
18. Só a escola ensina a ESCREVER bem.		
19. Em qualquer situação da vida, você pode FALAR do mesmo jeito.		
20. Quem já aprendeu a ler, já pode ESCREVER qualquer tipo de texto.		
21. O jeito de FALAR em Minas Gerais é bonito.		
22. Há outras FALAS mais bonitas que a de Minas Gerais, exemplo, a de		
23. Há outras FALAS mais bonitas que a da região onde você mora em Uberaba.		
24. Se você pensa que a afirmativa acima é verdadeira, dê exemplo de uma região de Uberaba que tem a FALA mais bonita que a sua		

Como o pibid pode contribuir para sua formação como professor de língua portuguesa? Por quê?

Você acha que o pibid mudou o que você acredita sobre ensino de língua? Por quê?

ANEXO II

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA **SUJEITOS MAIORES DE IDADE**

Título do Projeto: **“Crenças linguísticas dos pibidianos da área de Língua Portuguesa da cidade de Uberaba”**

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado (a) a participar do estudo intitulado **“Crenças linguísticas dos pibidianos da área de Língua Portuguesa da cidade de Uberaba”**, ligado ao projeto **IMPACTOS DAS AÇÕES DO PIBID NAS ESCOLAS DE UBERABA-MG**. O convite também se dá pelo fato de você também participar das atividades do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Os avanços na área da Educação ocorrem através de estudos como este, por isso a sua participação é importante. O objetivo deste estudo é coletar dados para o estudo científico sobre as leituras e interpretações que a comunidade pibidiana possui da sua língua, ou seja, analisar as crenças dos alunos perante a língua portuguesa. Caso você participe, será necessário *responder a questionário e/ou entrevista*. Também serão realizados grupos (formado aleatoriamente por participantes das entrevistas e questionários) para esclarecer e/ou reforçar pontos não passíveis de serem explicados pelas respostas dos questionários e entrevistas.

Não será feito nenhum procedimento que lhe traga qualquer constrangimento. Você poderá obter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois você será identificado com um número.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

Título do Projeto: “**Crenças linguísticas dos pibidianos da área de Língua Portuguesa da cidade de Uberaba**”

Eu, _____ (*nome do voluntário*), li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento a que serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo.

Uberaba,//.....

Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

Documento de Identidade

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador orientador

Telefone de contato dos pesquisadores:

- Pesquisadora: Paola Passos Alves (estudante de Letras da UFTM)

Telefones: (34) 33385617/ (34) 98136966

email: lolla_182@hotmail.com

- Orientador e pesquisador responsável: PROFA. DRA. JULIANA BERTUCCI BARBOSA (UFTM) Telefone: (16)

81554197 / (34) 91166718

Email: julianabertucci@gmail.com

Em caso de dúvida em relação a esse documento, você pode entrar em contato com o Comitê Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone 3318-5854.

ANEXO III

Informante A:

1- Acredito que o contato com a realidade escolar contribui para a formação do professor porque possibilita a vivência prática da profissão.

2- Sim. A realidade da sala de aula é tão distinta do universo que idealizamos, que você percebe que não há um único jeito de ensinar, um jeito correto. Há de se adaptar a cada situação para realmente ensinar a língua.

Informante B:

1- O PIBID contribui na minha formação com relação à docência e a prática enquanto graduando de Letras. Isso acontece por que, por meio do PIBID, o futuro professor tem noções da prática antes mesmo de formar.

2- Mudou no sentido de entender a língua como um processo em constante formação, devido ao uso. Além disso, foi possível perceber e reconhecer as diversas variações que a língua portuguesa tem.

Informante C:

1- O pibid contribui para minha formação, pois estou em contato com a sala de aula, tendo a oportunidade de conhecer a realidade de cada aluno.

2- Sim, principalmente quando começamos o trabalho da variação linguística com os alunos. Pois, começamos a aprender mais com a crença deles e saber trabalhar o preconceito linguístico dentro da sala de aula.

Informante D:

1- O Pibid contribui de várias formas pois conhecemos a realidade da escola antes de formar. O importante que somos um time para nos auxiliar temos nossos coordenados de área, os professores supervisores e os nossos amigos de curso que juntos, elaboramos as atividades para aplicar nas escolas, esperamos que ajude no crescimento dos alunos.

2- Sim. Porque aprendemos a aplicar a língua portuguesa de maneiras diversas usando diversas teorias. O interessante que podemos testar ainda como alunos pois vivenciamos a escola ainda como acadêmico. Quando formamos já passamos por algumas experiências fica mais fácil lidar

com os alunos pois sabemos que nunca estaremos prontos, porém, estaremos mais seguros e o Pibid nos ajuda continuar na docência.

Informante E:

Não respondeu.

Informante F:

1- O Pibid tem me ajudado a expandir minha visão como futura professora, pois tem me mostrado que não posso reprimir ou excluir o que o aluno trás com ele como sua fala, porém devo acrescentar a eles, mostrar que a situação mostrará o que deve ser dito ou escrito e como deve ser feito.

2- Mudou muito minha visão sobre o ensino da língua, pois até ingressar no Projeto, minha visão era as de meus antigos professores de escola, via a gramática como sendo a que ditava regras que deveriam ser “decoradas” se o fizesse estaria certo, se não estaria errado. Hoje não vejo mais a língua como o ditador de certo ou errado.

Informante G:

1- Além de promover a ambientação em sala de aula, o PIBID contribui para a percepção dos licenciados para as reais carências educacionais dos alunos da educação básica.

2- Sem dúvida. O PIBID possibilitou conhecer como trabalhar conteúdos tradicionalmente não abordado em sala de aula, como o tema variação linguística em 2015/1.

Informante H:

1- O PIBID pode contribuir através do primeiro contato que o licenciando tem com as salas de aula, como professor. Muitas pessoas formam sem ter este primeiro contato com as salas e, na prática, sentem dificuldades.

2- Sim. Eu acreditava que ensinar a língua portuguesa era obrigatório que se falasse o português corretamente. Mas através do PIBID e de estudos acerca sobre variedade linguística, percebi que o domínio da norma culta na fala, não é obrigatória.

Informante I:

1- O pibid possui reuniões semanais com as coordenadoras e supervisoras, onde elas veem as atividades que planejamos aplicar, o resultado do que já aplicamos e nos instrui a melhorar não só o planejamento das atividades, mas também nossa conduta como professores.

2- Sim. Porque inicialmente eu assim como muitas pessoas acreditava que o ensino da língua era focado na gramática, no ensino da gramática normativa, que isto era a forma “correta” de falar e escrever. Mas com o PIBID eu vi que não há forma correta, todos os modos de falar são corretos desde que eles sejam capazes de estabelecer comunicação com outra pessoa e que o importante é você saber adequar seu modo de falar de acordo com a circunstância, de acordo com quem você está realizando a conversa. E é isso que deve ser levado em conta no ensino de língua, pois a linguagem para comunicação os alunos já possuem domínio, precisam apenas saber qual é a linguagem formal, como ela é e, onde e quando deve ser usada.

Informante J:

1-A experiência do pibid me possibilitou ampliar o meu olhar sobre o que é língua portuguesa, desmistificando que há certo ou errado na língua.

2- Sim. Pois através das reuniões e oficinas do pibid aprendi que não há certo ou errado na língua, mas sim que existe adequações.

Informante K:

1- A iniciação à docência enquanto graduanda me incentivou e incentiva na carreira docente, para me consolidar como professora, assim como me permite vivenciar experiências que contribuem para minha postura e filosofia de ensino-aprendizagem.

2- Sim. Eu cheguei a faculdade muito ligada ainda ao pensamento de ensino de língua equivalente ao ensino de gramática tradicional, e apenas as disciplinas do curso não estavam sendo suficientes para transformar meu ponto de vista. Minha experiência no Pibid foi o que mudou efetivamente.

Informante L:

1- O Pibid, contribui de forma significativa para a formação de um graduando, pois, é a prática estudada pelos licenciandos.

2- Sim, o contato com a escola é diferente do que teorizado. O ensino da língua é muito concreto, o que sabemos ser um mito, pois a língua é viva, na escola não há uma modalidade desta língua.

Informante M:

1- O PIBID contribui muito p/ a formação dos professores de língua portuguesa pois adianta o contato dos alunos de graduação com a escola Assim, a teoria e a prática são antecipadamente colocadas frente ao graduando, fazendo-o refletir por mais tempo sobre sua prática que um graduando que apenas cumpre seu estágio.

2- Como entrei no PIBID no segundo período da faculdade acredito que a minha visão sobre o ensino de português mudou mas não sei se por causa do PIBID ou da faculdade. Acredito que a aliança da graduação com o PIBID fez a diferença. Mas, como participante do PIBID há quase 4 anos, vi a visão de muitas professoras supervisoras mudarem com relação ao ensino de língua portuguesa. Uma delas, inclusive, depois de participar do PIBID por 6 meses, decidiu se aperfeiçoar e hoje faz o mestrado em Linguística (PROF Letras), aprimorando sua prática no ensino básico.

Informante N

1- É uma oportunidade de conhecermos o dia-a-dia da escola, as atividades e responsabilidades do professor e ter experiências diretas com os alunos.

2- Sim, no PIBID português conseguimos perceber que ensinar língua é muito mais que meramente ensinar gramática.

Informante O

1- As experiências vividas pelo PIBID nos proporcionam várias realidades. Desde o início da graduação já podemos ter o contato com a sala de aula vivenciando problemas, mas também o lado bom da nossa profissão. Aprendemos a pesquisar atividades que interajam mais com os alunos, a ser professores mais dinâmicos e não somente, ficar seguindo livro didático.

2- Acredito que sim, pois ensinar uma língua para mim não era uma tarefa fácil. Hoje creio que de formas dinâmicas podemos atrair os alunos, tendo aulas mais divertidas e assim não esquecer o que lhe foi ensinado.

Informante P

1- Primeiramente acredito que o contato com a escola pode proporcionar-me uma experiência enriquecedora. Além disso ministrar as oficinas, preparar as oficinas foram atividades que facilitaram a minha prática docente. Além disso, a participação no PIBID, fez com que minha visão sobre o ensino de língua portuguesa se transformasse tornando-me assim um professor mais consciente da importância sobre a valorização linguística etc.

2- Sim. Principalmente pela intervenção das professoras coordenadoras que atribuíam luz sobre perspectivas onde acreditava que o ensino tradicional deveria imperar. Novas visões, novas práticas de ensino me proporcionaram uma nova visão acerca do ensino de língua portuguesa.